

COMPLEXIDADES SOCIOLINGÜÍSTICAS OCORRENTES NA TRADUÇÃO DA LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA PARA A LÍNGUA NACIONAL¹

Marjorie Crofts²

Todas e quaisquer línguas possuem riquezas, complexidades e recursos sociolingüísticos que lhes são inerentes.

Introdução e Breve Histórico

O 1º Seminário de Produção de Literatura de Autoria Indígena foi realizado em Belém-PA, em 1974, promovido pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e sob a orientação da Sociedade Internacional de Lingüística (SIL).³

O presente artigo é decorrente de outro Seminário afim, realizado em Porto Velho-RO, em 1976. Durante ambos os Seminários, participantes indígenas produziram textos, em suas línguas maternas, os quais foram traduzidos para o português.

Na época da realização dos Seminários, já mencionados, cumpria-se uma determinação da FUNAI para incluir em português-- língua oficial do país -- traduções da literatura e materiais educacionais originalmente produzidos em línguas indígenas. Outras razões foram consideradas relevantes: i) o interesse dos indígenas em entender melhor a língua nacional; ii) as línguas indígenas são faladas por grupos minoritários e desconhecidas pela maioria dos outros brasileiros; iii) a tradução, em português, informaria sobre o conteúdo dos textos de autoria indígena, possibilitando a comparação entre o texto indígena e o português; iv) um texto bem traduzido, em português, constataria a certeza de que se pode traduzir uma literatura indígena sem a perda da riqueza e do conteúdo literário originais e, ao mesmo tempo, obedecer às normas da língua alvo.

A autora constatou a ocorrência de complexidades sociolingüísticas no processo de tradução para o português dos textos na língua mundurukú. Mas, complexidades semelhantes podem ocorrer em qualquer processo de tradução entre línguas diversas. Por isso, ela sugere aqui algumas diretrizes **comuns** aplicáveis à ciência da tradução.

¹ Ampliado pela autora, a partir de “Dificuldades na Tradução das Histórias de Autoria Indígena”, 1981, com a inserção de dados lingüísticos da língua mundurukú. EE: Duse Abreu Moura e Margaret Alford, em janeiro de 2003.

² A linguista e consultora Marjorie Crofts realizou pesquisas, análises sociolingüísticas e tradução, em conjunto com o povo mundurukú, no estado de Pará, entre 1961 e 1987. Marjorie Crofts atua, em âmbito internacional, como consultora em tradução, junto à SIL International.

³ A Província do Pará: 28/01/74.

Este artigo tem por finalidade: i) descrever algumas das complexidades sociolinguísticas constatadas pela autora, durante o Seminário realizado em Porto Velho RO, em 1976; ii) chamar a atenção de autores e tradutores de literatura indígena – para as funções desempenhadas por estas complexidades – através da análise de vários dados linguísticos em mundurukú.

1. **Repetição na narrativa**

Na língua mundurukú, como em outras línguas indígenas brasileiras, há bastante repetição ao se narrar uma história, ou ao se descrever um processo qualquer. A repetição desempenha uma função significativa dentro da estrutura discursiva mundurukú. Em mundurukú, uma das funções da repetição é intensificar a ênfase. Porém, em português, a repetição não tem a mesma importância. Uma tradução literal do mundurukú para o português, incluindo toda a repetição, pode parecer infantil e até levantar dúvidas quanto à capacidade do autor-narrador em contar histórias – embora ele seja reconhecido como um especialista na arte de transmitir o etnoconhecimento do seu próprio povo.

Seguem-se dois exemplos sobre a repetição na narrativa.

Ex.: 1

Tradução literal:

Uk'a muy pin pima, koap ip kudadam ip jekukum yopboğat'ip.

Quando quer fazer uma casa, em primeiro lugar, a gente busca árvores-esteios.

Ĝebuje yopmuycenap 'ip kudadam ip jekukum. Perek.

Depois, busca os caibros. Pronto.

Ĝebuje soa 'ip tujuxexem ip.

Depois, traz tudo isso.

Yopboğat'ip mōğmōğ ip, yopmuycenap'ip tak. Perek.

Coloca os esteios e caibros. Pronto.

Ĝebuje uktup kudadam jekukum ip.

Busca palha.

Ade kabia tup tujuxexem ip.

Por muitos dias, traz palha.

Pũğ kaxi ma kapikpiğ ip uk'a muyap epere am.

Leva um mês para terminar.

Ixibu uk'uğ ip awaydip pawi. Perek.

Tira cipó do mato. Pronto.

Tradução natural:

Quando queremos construir uma casa, primeiro vamos buscar as árvores para fazermos os esteios. Em seguida, buscamos os caibros. Depois de trazermos tudo isso, colocamos os esteios e os caibros. Daí, vamos buscar a palha. Por muitos dias, trazemos toda a palha. Levamos um mês para terminar tudo. Aí, buscamos o cipó no mato, e amarramos a palha com o cipó.

Ex.: 2

Tradução literal:

Aoyũ wexik daidadam ku daḡ. Iop pima i'uk put cebe ip iõm cĩcã'ũm puye. Ibabuk acã opop. Iop cĩcã. Imẽnpuye aoyũ be i'uk put. Iõm'ũm puye.

As mulheres plantam as batatas nas roças. Podem arrancar quando ficam bem maduras porque não estão muito fundas. Ficam na superfície. São bem maduras. Por isso, as mulheres podem arrancá-las. Porque não estão fundas na terra.

Tradução natural:

As mulheres plantam as batatas na roça e podem arrancá-las quando já estiverem maduras. É assim, porque as batatas sobem para a superfície da terra.

Há mais uma função da repetição na língua mundurukú que é a de tornar a narrativa bem mais viva. Por exemplo, a tradução literal em português, deste texto em mundurukú sobre uma pescaria, seria assim:

Ade jĩjã axima ajẽmjẽm osodop ip. Kiiũih. Imẽnpuye iyuk ip je'ukbapukpuḡ osodop ip idibi ase.

Estavam chegando muitos e muitos peixes. Muitos. Então, muitas das caudas deles apareceram em cima da água.

Nota-se que, neste contexto, o narrador exagera ao florear a narração de sua experiência na pescaria. Em português, obter-se-ia o mesmo efeito se fosse traduzida assim: “Eram tantos os peixes que as caudas deles ficavam todas fora da água.”

2. Pronomes versus substantivos

Em algumas narrativas mundurukú, ocorre a repetição de substantivos, ao passo que em uma tradução natural, em português, usam-se os pronomes. Em mundurukú, há também a ocorrência de pronomes-livres.⁴ Mas, em uma tradução natural, em português, tais pronomes devem ser omitidos.

Ex.: Tradução literal:

Kokok dace ma. Kokok pit soat pupum: sapokay, wasũ, xeḡemo dak. Soat pupum kokok. Ibum i' o am. Xipat ḡu jĩjã ma kokok....

O gavião pequeno é mesmo gavião. Mas o gavião pequeno pega tudo: galinha, pássaro e calanguiño. O gavião pequeno pega tudo. O gavião pega para comer. O gavião pequeno é muito ruim (...).

Neste exemplo, se a tradução em português: 1) repetir todos os substantivos do texto mundurukú, ou 2) se o emprego de pronomes for redundante, resultará em uma tradução não-natural. As regras para a repetição ou omissão dos substantivos ou pronomes na língua fonte, neste caso o mundurukú, não poderiam ser transferidas para a língua alvo, ou seja, o português. Por isso, a tradução deve obedecer às normas de construção em português.

⁴ Vide Marjorie Crofts: Gramática Mundurukú, Série Linguística N°2, 1973, p.69-70, 4.1.2.

3. Orações citadoras⁵

Nas narrativas mundurukú, é comum constatar-se a existência de orações citadoras, tais como, 'ele disse', ocorrendo tanto antes como depois de uma citação. Mas, não é natural em português. Por isso, a oração citadora não deve ser repetida na tradução. Nas orações citadoras em mundurukú, é empregado o verbo 'dizer', enquanto, em português, há uma variedade de verbos semelhantes a serem empregados. Por exemplo: perguntar, responder e outros. Uma tradução natural em português deveria usar os verbos *dicendi* apropriados para o contexto.

Ex.: Tradução literal:

Ĝebuĵe odujowat paĩ kay.

(...) Daí ele me levou ao padre.

— *Cu pin tu ĕn garimpo be? — io'e owebe.*

— Você quer ir à mineração? ele me disse.

Ĝebuĵe oce:

Agora eu disse:

— *Hm hm. Cu pin ĕn — i oce.*

— Sim, quero ir – eu disse.

— *Soat ĝsu bit cuy etujowat — io'e.*

— Então, não leve tudo – ele disse.

Ĝuyjom oajĕm paĩ Ervano kay. Ĝasũ ixē o'e owebe:

Depois eu cheguei ao frei Ervano. Agora ele me disse:

— *Cu pin tu ĕn Alagão eju? i.*

— Você quer ir com Alagão?

— *Hm hm. Cu pin ĕn pit — i oce cebe.*

— Quero ir mesmo – eu disse a ele.

— *Ebay bit ekay ĝu du ibuywan am? — io'e.*

— Seu pai não precisa de você? – ele disse.

— *Ka'ũma — i oce. Okipit omuy oceduk'a be — i oce cebe.*

— Não – eu disse. Meu irmão está em casa – eu disse a ele.

— *Ha'a — io'e. Eju juy ajok am. Mala'a juy eyamuxipan — io'e.*

— Tá – ele disse. Vá tomar banho. Arrume a mala – ele disse.

— *Ĝaxĩn ma avião jajĕm — io'e.*

— O avião vem já – ele disse.

Tradução natural:

Ele me levou até onde estava o padre.

— Você quer ir para a mineração? O padre me perguntou.

— Quero, sim – respondi.

— Não leve tudo – ele falou. Depois disso, eu cheguei para o frei Ervano e ele me perguntou:

— Você quer ir com o Alagão?

— Quero sim.

— Seu pai não vai precisar de você?

⁵ Marjorie Crofts: Gramática Mundurukú, Série Linguística N°2, 1973, p.51-2, 3.1.5.

- Não, porque o meu irmão está lá em casa.
- Está bom – ele disse.
- Tome seu banho. Faça a sua mala por que está quase na hora do avião chegar.

4. **Citações diretas em orações encaixadas**

Em várias línguas indígenas – e também em mundurukú – emprega-se **somente** a citação direta, mesmo quando uma citação está contida em outra.

Ex.: Tradução literal:

- Avião omuyku – io'e. Cabo o'e owebe: Avião omuyku – i, io'e irmã ocewebe.
- O avião vem – disse. O cabo me disse: O avião vem.
- A irmã disse (para a gente).

Tradução natural:

A freira falou que o militar disse prá ela que o avião iria chegar.

5. **Preposições**

Em português, a tradução literal de preposições (ou posposições) pode não ser natural. Por exemplo, a tradução literal de uma sentença em mundurukú para o português seria:

O'jat daxa jejewi.

Ela o pegou de cima do fogo.

Mas, uma tradução natural seria:

Ela o tirou de dentro do fogo.

6. **Conectivos**

Na língua mundurukú, existem conectivos. Porém: 1) alguns ocorrem com mais frequência do que ocorrem em um estilo natural do português; 2) outros não são de uso tão frequente e, por isso, podem parecer arbitrários em seu emprego; 3) vários deles têm usos específicos que requerem uma explicação pelo menos do tamanho de um parágrafo; isto por que tais conectivos têm um nível de função acima das sentenças de ligação. Se ao traduzir do mundurukú para o português, usarmos um determinado conectivo para equivaler a outro, em português, poder-se-á obter uma tradução num português não-natural. O tradutor deve escolher aqueles conectivos que, em português, sejam apropriados ao contexto.

Ex.: Tradução literal:

Ibocewi warara'acayũ o'ju axĩma bubum.

(...) de lá os outros foram, pegando peixes.

Ĝebuje ocepit kaxicuĝsũ.

Daí nós voltamos, quando era mais ou menos meio-dia.

Ocajẽm. Ocajẽm.

Chegamos. Chegamos.

Axima muyuhuhum ocesop. Perekh.

Salgamos os peixes, Pronto.

Ĝebuje ocajẽm imuyuhuhum ip.

Daí voltamos, salgando eles.

Ĝebuje o'jepoycatt ocejo'o.

Daí nós comemos os restos.

Ĝebuje jebodoydoy oceju ũrũ be.

Daí nós descansamos nas redes.

Tradução natural:

Dali, onde estávamos, fomos pegar os peixes. Quando voltamos, era mais ou menos meio-dia. Logo que chegamos, começamos a descamar e limpar os peixes. Em seguida, salgamo-os, e assamos o que sobrou. Depois de comer bastante fomos deitar nas redes para descansar.

7. Plural

Na língua mundurukú, há distinção entre o singular e o plural. Porém, não se emprega como na língua portuguesa. Por exemplo⁶: o plural de *ibureyũ* “amigos” pode ocorrer numa narrativa, mas no desenrolar do texto as referências seriam ao singular: *ibure* “amigo”. O emprego do plural ocorre somente quando se quer **ênfatizar** a pluralidade. Então, a fim de se obter uma tradução natural, em português, deve-se usar o singular e o plural conforme o padrão desta língua.

8. Partículas, marcadores de aspecto

Em mundurukú, a mesma partícula pode ter várias funções. Há uma partícula que, às vezes, significa “*também*”. Mas outras vezes, esta mesma partícula indica simultaneidade. A partícula “*dak*” na frase abaixo não tem o significado de “*também*”, mas sim, de simultaneidade.

Ex.: *Cebay dapsem o'jojjo.*
dele-pai veado ele- o- viu

Ixe dak jedaruk o'jat.
Ele simult dele- arco ele – o – pegou

“No mesmo instante em que o pai dele viu o veado, ele pegou seu arco”.

Obs.: A aparente ambigüidade desta frase, em mundurukú, é desfeita pelo contexto da narrativa.

⁶ Vide Aypapayũ'ũm'ũm ekawẽn. Histórias dos Antigos. Mundurukú–Português. Volumes 1 a 3, 1977 a 1980.

Se a partícula for sempre traduzida como '*também*', pode não ter sentido, ou mesmo um sentido errado em português. Então, uma partícula na língua mundurukú não pode ser traduzida em português com apenas um significado. Deve-se empregar o significado adequado ao contexto em português.

9. Ideofones⁷

Nas narrativas em mundurukú, é muito freqüente o uso de ideofones. O papel deles é tornar as narrativas mais animadas. Em uma narrativa bem viva ocorrem no mesmo parágrafo entre cinco e vinte ideofones. Alguns parágrafos consistem mais em ideofones do que em sentenças completas. Contudo, quando estes ideofones são traduzidos literalmente para o português, a tradução assim feita pode dar a impressão de ser uma linguagem infantil. Na realidade, não é este o fato. A fim de evitar que haja esta interpretação errada, recomenda-se que a tradução em português omita os ideofones, ou que sejam empregados recursos da língua portuguesa, obtendo-se assim o resultado narrativo equivalente aos ideofones em mundurukú.

O ideofone pode ocorrer antes ou depois do verbo do qual é uma pro-forma, ou ocorrer em vez do verbo. Todos os verbos de movimento têm um tipo de pro-forma. Muitas das pro-formas são abreviações do verbo, ou seja, apenas a raiz deste.

Ex.: 1 *Dexeeeh. Deeeexe deeeexe deeeexe wuyjuyũ.*⁸

Tradução literal: Chegou/aram. Chegou chegou chegou gente.

Tradução natural: Chegou gente/Todo mundo chegou.

“dexeeeh” é a raiz do verbo – *dexe* “chegar”, mas ocorre sem nenhum marcador de pessoa. Normalmente, seria: *“oexe”* (ele chegou).

Ex.: 2 *Dokowa daxibum ip imũnmũnmũn. Mũn mũn mũn mũn mũn.*⁹

Tradução literal: Estavam amarrando com cipó de tracoa. Amarrou. Amarrou. Amarrou. Amarrou.

Tradução natural: Estavam amarrando com cipó de tracoa.

Mũn mũn mũn, mũn mũn é a raiz de - *mũn* “amarrar”, sem o marcador de pessoa. Por exemplo, *o'jomũn* “ele o amarrou”. A quantidade de vezes que a raiz é repetida pode indicar o tempo de duração da ação ou quantas vezes a ação foi praticada.

Há outros ideofones que não têm nenhuma semelhança com o verbo que eles representam: *jay = oajẽm*.

Ex.: 3 *Jay. Cekay oajẽm.*¹⁰ (O ideofone ocorre antes do verbo).

⁷ Aspectos da Língua Mundurukú, Marjorie Crofts, SIL, 1985, Lição 58, p.215-7.

⁸ Aypapayũ'ũm'ũm ekawẽn. Histórias dos Antigos. Mundurukú–Português. Volume 1, p.116, 1977.

⁹ Idem, Volume 2, p.159.

¹⁰ Idem, Volume 1, p.65.

Tradução literal: Chegou (ideofone). Ele chegou, é dito.

Tradução natural: Ele chegou.

Ex.: 4 *Tayparirit'abi be o'jetuk. Tãããã.*¹¹

Tradução literal: Ele flechava no pau fino. Flechava (ideofone - ocorre após o verbo).

Tradução natural: Ele flechava no pau fino.

Ex.: 5 *Waaaa riiit. Cẽmcẽm. Puwuuut. Puwuuut.*¹²

Se aborrecendo Saindo (verbo) Saindo (ideofone) Saindo (ideofone)

Dajekco jenapõnpõn. Baã baã baã.

Porcos fugindo. Barulho dos dentes dos porcos.

Dajekco muwatiwan ip. Dexe.

(Alguém) estava fazendo os porcos fugirem. Chegaram em casa (os homens).

'Um.

Terminou.

Tradução literal: Se aborrecendo (implícito: com alguém) (ideofone).

(Estava[m]) saindo. (verbo). Fugiu/ fugiram (ideofone) Fugiu/ fugiram (ideofone). O(s) porco(s) estavam fugindo. Ideofone que imita o barulho dos dentes dos porcos.

(Alguém) estava fazendo os porcos fugirem. Depois alguém chegou/chegaram em casa.

Terminou (alguma coisa).

Tradução natural: (Daydo) ficou aborrecido (com o filho de Karosakaybu). Os porcos estavam fugindo e saindo do cercado, fazendo muito barulho com os dentes. (Os homens) que estavam fazendo os porcos fugirem, chegaram em casa logo depois disto.

Obs.: Os participantes tornam-se explícitos pelo contexto.

Ex.: 6 *Sook. Idibi. Kuruko. O'tidujuup.*¹³

Pegou (ideofone) Água. Levou (ideofone) Alguém-água-levou

Tradução literal: Pegou (ideo). Água. Levou (ideo). Alguém levou água.

Tradução natural: Alguém pegou água e levou para casa.

Pereh. Wero o'gubokbok i'e'em. Jebekitkit xan.

Acabou Mingau fez suco é dito de criança(s) comida – tornou-se

Tradução literal: Acabou. É dito que fez mingau para as crianças.

Tradução natural: Depois (o Daydo) fez mingau para o pessoal dele.

Nota-se que: “*bekitkit*” tem o sentido de “crianças”; mas, neste exemplo **denota posse**. Por isso, tem o sentido de “pessoal dele”, ou seja, as pessoas que o seguiram.

– *Oãp!* Colega! (Usa-se o vocativo “*oãp*” somente na conversa com o Daydo.)

¹¹ Idem, p.92.

¹² Idem, p.36

¹³ Idem, p.76.

Bokbooooh. Xiiiiik. Dexe. Pũã oexe. Dexe.
Fazendo mingau (ideo) Sentado Chegou (ideo) Um chegou. Chegou (ideo)

Tradução literal: Ela ainda estava fazendo mingau (ideofone). Sentada (ideofone). Chegou (ideofone). Um chegou (verbo completo). Chegou (ideofone).

Tradução natural: Enquanto ela ainda estava sentada, fazendo o mingau, alguém chegou.

Há um ideofone que indica a passagem do tempo: *xet* que é a raiz do verbo “*dormir*”. A forma completa é: *o’xet* “*ele dormiu*”. Os mundurukú contam o tempo pelas noites e não pelos dias; por isso, usam esta forma para indicar quantos dias se passaram.

Ex.: 7 *Xet. Xet. Xet. Xet. Xet. Xet. Xet. Xet. Ka’ũmãũ.*¹⁴

Tradução literal: Dorme. Dorme. Dorme. Dorme. Dorme. Dorme. Dorme. Dorme. Dorme. Nada.

Tradução natural: Depois que passaram oito dias, nada existia.

10. Expressões para designar objetos desconhecidos

Os povos indígenas, às vezes, inventam nomes ou expressões descritivas que identificam objetos, até então desconhecidos para eles. Por exemplo: para designar uma lâmpada que ilumina a mesa de cirurgia, eles poderiam dizer: ‘a coisa grande que ilumina’. Se esta expressão fosse traduzida literalmente, os leitores não-indígenas teriam uma impressão errônea daquela língua indígena. Outro exemplo: para traduzir a palavra tuberculose não se deve usar, por exemplo, a expressão ‘a coisa como gripe’. Deve aquela palavra ser traduzida por **tuberculose** para evitar que os leitores não-indígenas subestimem os falantes indígenas e suas respectivas línguas maternas. Ademais, os indígenas almejam aprender a falar corretamente o português.

11. Funções do corpo humano

Em muitas culturas indígenas, conversar abertamente sobre as necessidades fisiológicas é um procedimento natural. Exemplo: urinar, defecar, etc.

Na língua mundurukú, as palavras usadas para expressar as necessidades fisiológicas do ser humano não são culturalmente ofensivas, mas podem tornar-se grosseiras quando traduzidas em português. Um aspecto relevante a ser observado pelo tradutor, em português, é o de encontrar equivalentes para as palavras e expressões sobre as necessidades fisiológicas. Elas devem ser aceitáveis dentro do padrão cultural majoritário. Assim, o tradutor evitará que a sociedade não-indígena venha a julgar os povos indígenas como pessoas grosseiras ou maliciosas.

¹⁴ Idem, p.96.

Considerações Finais

Com base neste estudo analítico-descritivo, constata-se que: i) o trabalho de tradução a obter melhores resultados será aquele realizado em parceria do autor-tradutor indígena e alguém que domine o português; ii) é imprescindível que autores e tradutores conheçam os princípios sociolingüísticos que regem a ciência da tradução; iii) a fidelidade ao conteúdo do texto original e a realização de uma tradução clara e natural – que seja inteligível também no contexto lingüístico regional – são fatores determinantes na obtenção de trabalhos bem-sucedidos e recompensadores dentro da ciência da tradução.